

GUIA PARA PROFESSORES

ESTUDO DO MEIO



GUIA PARA PROFESSORES

ESTUDO DO MEIO



APRESENTAÇÃO

O “Guia para Professores: Estudo do Meio”, elaborado por Francisca Neta Nunes, acadêmica do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é um dos resultados da sua pesquisa na área de Ensino de História realizada no período de 2018-2020 em arquivos como o Núcleo de Documentação Escrita e Oral/UNEMAT, Prefeitura Municipal de Salto do Céu – Mato Grosso, em acervos de famílias que vivem no citado município, entre outros.

A Dissertação de Mestrado intitulada “A História Local como Metodologia de Ensino de História na Educação Básica: Uma experiência a partir das memórias das mulheres da Colônia Rio Branco - MT (1960-1970)” é instigadora, pois revela para o público em geral outra perspectiva de análise sobre a colonização da Colônia Rio Branco – Mato Grosso, nas décadas de 1960-1970. Através das narrativas de mulheres que viveram na Colônia neste período, é possível perceber a efetiva participação destas em diferentes atividades, começando pelo desafio de sair de distantes regiões do país para construir uma nova vida junto com seus familiares, amigos e demais pessoas que sonhavam obter terras, construir suas casas, viver com dignidade no território mato-grossense. Não sabiam, porém, que teriam de enfrentar enormes adversidades para garantir a própria subsistência.

Percebe-se através dessas narrativas e da leitura cuidadosa de um importante acervo fotográfico vestígios históricos importantes desse processo de ocupação e colonização da Colônia Rio Branco, sobretudo, por tratarem de memórias destoantes das produzidas por memorialistas que, de certa forma, foi cristalizada através do site da Prefeitura do Município de Salto do Céu (que teve a sua origem na criação da Colônia Rio Branco, MT) e reverberada nas escolas públicas do município – sempre narrada sob a perspectiva dos intrépidos colonos (homens), das empresas colonizadoras e pelo Governo do estado de Mato Grosso.

Nesse sentido, o “Guia para Professores: Estudo do Meio” tem endereço certo, será indispensável instrumento didático para ser utilizado pelos professores que trabalham nas escolas públicas do estado de Mato Grosso, como também em todo o país, considerando que se trata de uma publicação eletrônica que estará disponível no site do PROFHISTÓRIA/UNEMAT e do EDUCAPES.

Prof. Dr. Otávio Ribeiro Chaves
Universidade do Estado de Mato Grosso/PROFHISTÓRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 PROPOSTA METODOLÓGICA: ESTUDO DO MEIO.....	6
1.1 Definição do objeto: o estudo do local na cachoeira Salto do Céu e seu entorno.....	10
1.2 Preparação prévia.....	11
1.3 Atividades que compõem a proposta metodológica.....	11
1.3.1 Sondagem dos conhecimentos prévios sobre a história local.....	11
1.3.2 Análise de Fontes Orais.....	12
1.3.3 Análise Comparada de Fontes Fotográficas.....	13
1.3.4 Análise de Fontes Fac-similares.....	17
1.4 Pesquisa de campo.....	20
1.5 Retorno do trabalho na sala de aula.....	23
1.6 Galeria de fontes orais e fontes fotográficas.....	23
1.6.1 Galeria de Fontes Orais.....	23
1.6.2 Galeria de Fontes Fotográficas.....	27

INTRODUÇÃO

A proposta de ensino-aprendizagem elaborada como produto final da dissertação de mestrado leva em conta alguns princípios importantes que correspondem às discussões teóricas relacionadas às novas abordagens historiográficas e ao ensino de História, promovidos no Brasil a partir da década de 1980 e que visam ampliar os objetos de estudo, os temas, os problemas e as fontes históricas utilizadas em sala de aula. Além disso, consideramos as finalidades do ensino de História apresentadas nos dispositivos curriculares vigentes acerca do Ensino Fundamental da Educação Básica.

Para a construção da proposta metodológica de ensino de História, tal como definido pelo ProfHistória como eixo central para o presente trabalho, foi necessário fazer escolhas acerca de quais fontes e qual metodologia de ensino seria utilizado. Essa escolha não se deu aleatoriamente, mas sim, seguindo alguns critérios que são relevantes para o próprio ensino de história local. O primeiro critério a ser utilizado foi escolher fontes disponíveis na própria localidade, as quais são destinadas ao guia de Estudo do Local e que tratam de algumas práticas cotidianas de pessoas comuns que viveram as experiências da colonização da Colônia Rio Branco-MT, que deu origem ao povoado de Salto do Céu-MT. Para realização desta proposta metodológica de estudo do meio, priorizamos memória de mulheres idosas que residem há mais tempo no município de Salto do Céu-MT, mas existem diversas outras narrativas orais que preenchem esse critério, podendo ser obtidas através das lembranças de muitos outros moradores desta localidade.

Como segundo critério, foram selecionadas as narrativas que pudessem apresentar um panorama mais abrangente, de forma a explorar os contextos históricos que estabelecem relações com o cotidiano dos alunos e com o cotidiano de outras pessoas. Optamos por fontes que representam as memórias sobre as práticas sociais do passado e do presente no espaço da Cachoeira Salto do Céu, situada nas proximidades da nascente do Rio Branco.

Para o desenvolvimento da metodologia de trabalho com as fontes orais e fotográficas, a proposta pedagógica que passamos a apresentar se restringe a dois exemplos: o método de análise de fontes e o método de estudo do meio. A restrição a estas duas modalidades didáticas não se dá apenas por contemplarem os critérios metodológicos do Estudo do Meio, mas também por questões práticas da construção do trabalho em si – foi necessário pensar no tempo para que as atividades de pesquisa fossem concluídas em sala de aula pelos professores e alunos. Assim, a proposta metodológica de Estudo do Meio ficou restrita a análise das fontes que retratam os usos do rio no período de colonização da Colônia Rio Branco-MT, nas décadas de 1960/1970 e, as ações praticadas na atualidade. Visando demonstrar como o método de estudo do meio pode ser utilizado para o ensino de história local e também para o ensino de outras temáticas, cujo objetivo seja possibilitar à compreensão dos acontecimentos históricos ocorridos no entorno do aluno e que sejam capazes de situar os problemas significativos da História do presente.

1 PROPOSTA METODOLÓGICA: ESTUDO DO MEIO

A elaboração desta proposta metodológica, visando o Estudo do Meio, dialoga com os ensinamentos da historiadora Circe Bittencourt (2009) e da geógrafa Helena Copetti Callai (2001), ressaltando como o ensino de História pode alcançar a vida cotidiana do aluno e transportar o conhecimento adquirido para o âmbito escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) para o ensino de História da etapa fundamental da Educação Básica, traz o estudo do meio como uma metodologia de ensino e estratégia didática que não se resume simplesmente à obtenção de informações fora da

sala de aula, mas como a produção do conhecimento que seja realmente interessante para a formação do aluno, que tenha utilidade prática, que possibilite a compreensão da sua própria época e do espaço em que se estabelece as relações sociais do seu grupo de convívio. Assim, muito mais do que explicar as relações históricas produzidas em um determinado ambiente, o método pode possibilitar o desenvolvimento das capacidades consistentes para que os alunos possam estudar sobre o meio em que vive de modo consciente. Trata-se de transpor os conhecimentos adquiridos através do ensino de História para a dinâmica da vida.

Do ponto de vista do desenvolvimento intelectual dos alunos, Bittencourt (2009) enfatiza que o estudo do meio favorece a aquisição de uma série de capacidades, destacando-se “a observação e o domínio de organizar e analisar registros orais e visuais” (BITTENCOURT, 2009, p. 276). Assim, é por meio da observação e da interpretação das fontes históricas do passado e do presente que o aluno aprende a ampliar sua visão de mundo, tomando consciência de que estão inseridos em um espaço social e em uma época específica.

Nesse sentido, Callai (2001) considera importante que o professor adote metodologias de ensino que permita ao aluno estudar a própria realidade em que vive, para reconhecer a história do seu meio como sendo a sua própria história. Segundo a autora, o estudo do lugar valoriza a dinâmica da própria vida, das histórias pessoais e dos grupos sociais dos quais os estudantes fazem parte, ao mesmo tempo é um valioso exercício para entender o mundo da vida.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), no caso do estudo do meio, uma paisagem histórica é um cenário composto por fragmentos suscitadores de lembranças e problemáticas, que sensibiliza os estudantes sobre a participação dos antigos e modernos atores da história acrescentando-lhes vivências e concretudes para a sua imaginação (PCN, 1998, p. 94). Nessa perspectiva, o planejamento e execução de atividades escolares seguindo a metodologia do estudo do meio, provoca nos alunos um olhar indagador sobre a realidade próxima, e possibilita a apropriação das informações necessárias para solucionarem os problemas concretos que vivenciam em seu meio social.

Considerando a especificidade desse método de ensino, Bittencourt (2009) destaca as características interdisciplinares do estudo do meio, enfatizando o potencial das disciplinas de História, Geografia e Artes na utilização desta metodologia. Conforme a autora:

O meio ‘social e físico’ corresponde a um laboratório de ensino. A sociedade em suas relações temporais e espaciais, normalmente apresentada por textos escritos, ou pela iconografia, situa-se em outra dimensão e outra profundidade ao ser observada diretamente, pois neste caso surge a oportunidade de dialogar com pessoas, identificar construções privadas e públicas, atentar para fatos cotidianos que geralmente passam despercebidos e transformá-los em objeto de estudo, de análise, de descoberta. (BITTENCOURT, 2009, 274).

Nesse sentido, o estudo do meio se constitui como sendo uma metodologia didática valiosa para o ensino de história local, pois além de permitir a utilização de fontes diversificadas: a identificação das edificações, do traçado das ruas, da memória dos mais antigos, das mudanças empreendidas no cotidiano dos moradores do local, entre outros, esse método possibilita o estudo dos contextos históricos que se inserem nas relações sociais entre professores, estudantes e o meio no qual estão inseridos.

Circe Bittencourt (2009, p. 281) define como sendo a exigência maior do procedimento metodológico do estudo do meio, o cumprimento de três etapas fundamentais: preparação prévia, atividades de campo e retorno do trabalho na sala de aula. Nesse sentido, a autora propõe uma sequência de ações logicamente estruturadas. São elas.

1. O reconhecimento do espaço social a ser estudado no qual são arroladas as fontes de estudo (arquivos, pessoas entrevistadas, depoentes, objetos materiais);
2. Estudo prévio do local por intermédio de bibliografia e outras fontes de informação;

3. Definição da problemática a ser estudada;
4. Organização do roteiro a ser seguido, com a identificação de todas as atividades, seja de coleta de material, de divisão do trabalho, de seleção de material e equipamentos a serem utilizados (máquinas fotográficas, filmadoras etc.);
5. Preparação do caderno de campo;
6. A execução do estudo do meio propriamente dito;
7. O tratamento posterior dos dados coletados com sistematização e avaliação das diversas atividades.

De acordo com a autora, é no momento do reconhecimento do espaço social a ser estudado que o professor fará a mobilização dos sujeitos sociais da comunidade escolar, considerando o contexto no qual estão inseridos para efetuar o trabalho de campo. A partir de um trabalho coletivo entre professores e alunos, define-se o objeto principal da pesquisa; daí parte-se para o planejamento das ações.

Após a definição do espaço a ser estudado, recomenda-se que o professor faça uma visita preliminar no local, assim como, fazer a opção pelo percurso onde as tarefas serão desenvolvidas pelos alunos. Nesse momento é importante que o professor também planeje o tempo provável a ser percorrido e o tipo de transporte necessário para a locomoção dos participantes ao local de estudo. Uma visita prévia do professor ao local que será objeto do estudo o auxiliará a elaborar um roteiro básico de observação que atenderá melhor aos conceitos, habilidades e objetivos a serem alcançados.

O período destinado ao planejamento das ações é o momento de reunir com os professores de outras áreas do conhecimento, caso a opção seja ampliar a proposta metodológica para o desenvolvimento do estudo interdisciplinar. E também reunir com os alunos para discutir as ações a serem planejadas para o trabalho de campo, começando pelos objetivos do estudo do meio, entre os quais se dá o levantamento das fontes históricas que serão utilizadas, assim como a escolha das pessoas que serão contatadas para realização das entrevistas; as observações a serem feitas no espaço investigado; a seleção de conteúdos curriculares disciplinares e interdisciplinares a serem contemplados na programação; a criação de recursos didáticos baseados nos registros; e a divulgação dos resultados.

A próxima etapa constitui-se em elaborar o caderno de campo. Nesse momento o professor poderá trabalhar algumas atividades preliminares de apoio e apreensão dos conceitos, assim como, organizar as etapas da pesquisa de campo: coleta de fontes de apoio e elaboração do roteiro de entrevistas. Etapas essenciais a ser consideradas.

O retorno à sala de aula é o momento de dar visibilidade aos resultados do estudo. Com base nas atividades preliminares realizadas em sala, na pesquisa de campo e no trabalho de observação feito no local, inicia-se um cuidadoso processo de avaliação e sistematização de todo o material obtido e registrado.

Os alunos poderão ser divididos em grupos com atividades previamente definidas, o que proporcionará a produção de materiais diversos para serem trabalhados após o trabalho de campo: produção de imagens fotográficas, descrição das atividades, realização e registro das entrevistas com os frequentadores do local.

Através da pesquisa e anotações feitas pelos alunos, a realidade espacial poderá ser revelada a toda comunidade escolar. Uma das opções possíveis para sistematização do conhecimento recomenda-se a confecção de cartazes ou de um painel para exposição das narrativas orais e fotográficas e demais fontes de informações sobre o local.

Antes de iniciar o trabalho com a metodologia do estudo do meio, se faz necessário definir os seus objetivos educacionais e resultados pretendidos. Nesse sentido, a nossa proposta foi concebida, em princípio, para turmas do 6º ano do ensino fundamental e voltada para a história local como metodologia, mas poderá ser adaptada para outras séries/anos. As

fontes apresentadas para realização das atividades preliminares e as dispostas na galeria de fontes orais e fotográficas poderão ser utilizadas em momentos diferentes e com propósitos distintos. Assim, vale salientar que as sugestões de atividades foram pensadas para a unidade temática: História: tempo, espaço e formas de registros (BNCC, 2019), mas o professor poderá ampliar a abordagem ou escolher outra unidade temática para explorar com os alunos, de acordo com a realidade da sua turma ou com a escolha de outras fontes fotográficas e orais. Os únicos elementos a serem utilizados igualmente, são as fichas de análises produzidas para dar conta de questões pertinentes à análise de fontes fotográficas e fontes orais, e o método de Estudo do Meio.

Para definição da unidade temática, dos conceitos, habilidades e objetivos a serem trabalhados, vejamos a seguir qual seria a nossa sugestão:

Unidade Temática	História: tempo, espaço e formas de registros.
Conceitos	- Fontes; - Memória; - Passado e Presente; - Mudanças e permanências; - Espaço; - Paisagem/ação humana.
Objetos de conhecimento	- A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias; - Formas de registro da História e da produção do conhecimento histórico.
Habilidades	- Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas); - Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas; - Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas; - Interpretar de maneira crítica as interações dos moradores locais com o meio físico levando em consideração aspectos históricos e geográficos.
Objetivos	- Identificação de fontes; desenvolvimento da percepção visual e simbólica; - Construir a noção de que as memórias são múltiplas e muitas são silenciadas pelas relações de poder; - Contextualizar as permanências e mudanças físicas e culturais ocorridas no espaço local; - Debater sobre a necessidade de preservação/adaptação da paisagem às necessidades humanas; - Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional; - Desenvolvimento da capacidade de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados; - Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

A proposta metodológica consiste em realizar junto com os alunos, atividades orientadas de análise de fontes fotográficas e fontes orais, do material da pesquisa de campo e das descobertas e significados que podem ser revelados ao longo de todas as etapas de estudo.

Os passos seguintes sugerem algumas possibilidades de realização dessa modalidade de atividades que podem ser adotadas pelos professores para o trabalho com a história local, a partir do uso das fontes documentais. No entanto, vale salientar que são apenas sugestões que foram pensadas para a unidade temática: História: tempo, espaço e formas de registros (BNCC, 2019), mas que o professor poderá ampliar a abordagem ou escolher outra unidade temática para explorar com os alunos, assim como, utilizar outras fontes fotográficas e orais dispostas nesta dissertação no qual originou essa pesquisa.

1.1 Definição do objeto: o estudo do local na Cachoeira Salto do Céu e seu entorno

A Cachoeira Salto do Céu, localizada na nascente do Rio Branco é o ponto central da sede do município desde a instalação da Colônia Rio Branco-MT. Foi o local escolhido, na década de 1960, para instalação da sede administrativa da Comissão de Planejamento e Produção (C.P.P.) e da Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso (CODEMAT), órgãos responsáveis por dar embasamento e infraestrutura à colonização e povoamento dessa localidade, bem como, foi o local escolhido para construção do centro de apoio aos migrantes recém-chegados à Colônia, para a construção das primeiras residências, das escolas, entre outros. Hoje, a Cachoeira Salto do Céu é um ponto de encontro dos habitantes do município e local de lazer e realizações de eventos festivos, cujas práticas comerciais e turísticas fomentam a economia local. Assim, a proposta metodológica de estudo do meio tem por objetivo investigar um pouco sobre esse espaço de Memória e História.

A Cachoeira Salto do Céu, apesar de não caracterizar um centro histórico como os tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao ser escolhida como um lugar de estudo contribui para reforçar o entendimento dos alunos de que todo meio é histórico e está situado no tempo. Circe Bittencourt (2009) refletindo sobre os espaços de memória e os critérios de escolha dos lugares para realização do estudo do meio, afirma que:

Todo meio, rural ou urbano, está situado no tempo. Possui uma História e esta História deixou suas marcas. Nas memórias e nos arquivos. [...] o entendimento de que todo meio é histórico representa, para professores de História, noção fundamental e determinante na escolha dos espaços para a realização de um estudo do meio. (BITTENCOURT, 2009, p. 279).

Nessa perspectiva, a proposta metodológica leva em conta o meio ambiente histórico em que os alunos estão inseridos, ao buscar investigar a inter-relação entre a ação humana e a paisagem. Ou seja, busca levar o aluno a compreender a influência da ação humana sobre a paisagem natural e, também, a influência dessa paisagem sobre os comportamentos dos moradores dessa localidade. Esta inter-relação pode ser percebida através da pesquisa e análise das fontes históricas, produzidas no mesmo espaço e nas diversas temporalidades, assim como, através da observação, da análise do material produzido na pesquisa de campo e da apropriação dos conhecimentos produzidos.

1.2 Preparação prévia

Tratando-se de um trabalho externo com alunos do ensino fundamental, faz-se necessário que o professor encaminhe a seus responsáveis um documento de autorização por escrito para que se desloquem até o local de estudo. O professor também deverá tomar algumas providências em relação ao transporte, lanche, assim como a previsão do tempo de aula. Por se tratar de um local com ocorrências de acidentes, o professor há de se preocupar, principalmente, com a questão da segurança dos alunos, sendo aconselhável mobilizar profissionais de apoio da escola para auxiliá-los durante a pesquisa de campo.

A preparação dos alunos em sala de aula antes da visita ao local é essencial para estimular a observação, introduzir a discussão e sensibilizá-los em relação ao meio ambiente que os rodeia, pois, percebe-se que os alunos que iniciam o 6º ano do Ensino Fundamental chegam a esta etapa com pouco ou nenhum conhecimento prévio escolar na disciplina de História. Métodos e estratégias didáticas próprias do ensino de História são pouco explorados nas séries/anos iniciais, visto que alguns fatores contribuem para isso, tais como: o mesmo professor trabalha todas as áreas do conhecimento; a maioria dos professores das escolas públicas têm formação apenas na unicodência e, por vezes, não realizam um trabalho significativo na disciplina por terem pouco conhecimento dos objetos de estudo e das metodologias de ensino. Esses fatores fazem com que o ensino de História seja desenvolvido apenas por meio de leituras do livro didático, resolução de questionários, memorização de datas e nomes, transformando-o em uma disciplina apenas para ser cumprida e avaliada. Assim, os alunos apresentam dificuldades em compreender alguns conceitos e costumam não se perceberem enquanto sujeitos participantes do contexto histórico.

Nesse sentido, é importante realizar atividades preliminares de análise de fontes de representação espacial em temporalidades diferentes. Há questões básicas que podem ser trabalhadas previamente sobre o espaço da Cachoeira Salto do Céu: Como era esse lugar no passado e como ele é hoje? Qual foi sua função no passado e qual é sua função na atualidade? Como as pessoas se relacionam com esse lugar? Como era utilizado esse espaço no passado e como é utilizado no presente? Entre outras questões, como veremos a seguir.

1.3 Atividades que compõem a proposta metodológica

1.3.1 Sondagem dos conhecimentos prévios sobre a história local

Para verificar a afinidade da turma com a disciplina de História, iniciar a aula com uma conversa para um levantamento de dados e verificação do conhecimento prévio dos alunos a respeito da disciplina e suas expectativas e interesses pela história local. No diálogo mediado pelos professores, inferir as seguintes questões:

- Por que aprender História?
- Para que serve o conhecimento histórico?
- Vocês conhecem a história do município?
- O município de Salto do Céu-MT tem passado por transformações? Quais?
- Que local do município você mais gosta?
- Existe algum lugar que você não gosta? Qual?
- Existe algum lugar no município que você gostaria de saber mais sobre ele? Por quê?

1.3.2 Análise de Fontes Orais.

Após o diálogo anterior com os alunos, fazer uma exposição sobre a proposta de levantamento de dados e fontes para o estudo da história do município, que tem por objetivo buscar informações no passado para compreender questões sobre a história do tempo presente. Tem-se a expectativa de que a partir dessa abordagem pedagógica, os professores e alunos sejam agentes multiplicadores dos valores históricos do município, com vistas à preservação do meio histórico e memória local. Destacando a importância e responsabilidade da turma na busca de informações para o desenvolvimento das atividades.

Para realização dessa segunda atividade, os professores poderão apresentar aos alunos a fonte de memória, destacada a seguir, que representa o evento histórico de colonização da Colônia Rio Branco-MT e a origem do município de Salto do Céu-MT. Através da utilização da ficha de análise ou por meios de outros questionamentos, propor a análise da fonte, respondendo as questões a seguir.

Relato sobre a origem do município de Salto do Céu-MT.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Ano 2019.

As origens do município estão no desdobramento dos assentamentos de colonos da Colônia Rio Branco, a partir de 1960. Dando prosseguimento à procura de glebas aptas para produção de cereais, João Augusto Capilé Filho, chefe da Comissão de Planejamento da Produção, penetrou em terreno de mata fechada acima do Rio Branco, tendo a impressão que entrava em região virgem, intocada, tal a imponência que apresentava a floresta. Subindo o Rio Branco, Capilé escutou o rumor de um salto. Procurou conhecê-lo e se deparou com uma enorme queda d'água. Impressionado pela altura denominou-o Salto do Céu. Em homenagem à queda d'água, o lugar de assentamento dos colonos adotou o nome de Salto do Céu. A chegada de João Carreiro de Sá e de Cipriano Ribeiro Sobrinho assinalou o início da ocupação da terra em Salto do Céu. Os dias de abertura foram todos árduos, pois o trabalho era feito com foice, facão e machado (Sic). (IBGE, 2019).

- 1) Quando se fala sobre o município de Salto do Céu-MT, qual lugar tem o maior destaque? Esse destaque tem a ver com o nome do município atualmente?
- 2) Como se chama o rio a que pertence a Cachoeira Salto do Céu?
- 3) Qual a relação entre o rio e a origem do município?

4) Conforme o relato, qual a origem do nome do município e por quê? E que nome você daria a ele hoje?

5) O município de Salto do Céu-MT para existir precisou de moradores. Quem seriam as pessoas que vieram morar aqui na década de 1960? Quem realizou o trabalho árduo de abertura das matas utilizando foice, facão e machado? Em sua opinião, o que essas pessoas fizeram nos espaços onde havia floresta?

6) Você identificou nesse relato a lembrança das pessoas que vieram morar aqui no período da colonização? Se não os encontrou, por que será que isso aconteceu? As pessoas que viveram aqui nesse período e as que ainda vivem no município fazem parte dessa História?

Sugestões de Leitura

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís: Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bessanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos** – 3ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

1.3.3 Análise Comparada de Fontes Fotográficas

As fontes fotográficas dispostas a seguir, são representações dos espaços e vivências dos moradores da Colônia Rio Branco (1960-1970) e dos moradores de Salto do Céu-MT, na atualidade. Selecionamos imagens do passado e algumas atuais para que, ao serem trabalhadas em sala de aula, os alunos compreendam as mudanças e permanências ocorridas no cotidiano dos moradores locais, a partir da visualização e análises delas. A maioria das imagens fotográficas aqui selecionadas provém da cedência do Núcleo de Documentação Histórica Escrita e Oral – NUDHEO/UNEMAT- Cáceres-MT, e de amigos, sabedores da importância deste estudo e, portanto, colaboradores da nossa pesquisa. Em virtude da dificuldade em localizar documentação escrita nos arquivos públicos do município, encontramos nas fontes fotográficas a oportunidade para trabalhar com a história local em sala de aula, demonstrando situações comuns à maioria dos moradores desta localidade. Tal conclusão deu-se pelo cruzamento dessas fontes de memória que apontam para as experiências compartilhadas no processo de colonização e também pelas experiências individuais/coletivas vividas na atualidade.

Para realização das atividades a seguir, o professor apresentará aos alunos imagens antigas e atuais, que representam o mesmo espaço cotidiano ou evento histórico. Através da utilização da ficha de análise ou por meios de outros questionamentos, propor aos alunos que façam análises técnica e descritiva das fontes.

As fotografias, selecionadas para esta atividade, são representações antigas e atuais das duas quedas d'água que se destacam na Cachoeira Salto do Céu.

Foto 01: Cachoeira Salto do Céu. Primeira Queda D'água.



Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.

Foto 02: Cachoeira Salto do Céu. Segunda Queda D'água.



Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.

Foto 03: Cachoeira Salto do Céu. Ano 1982.



Fonte: acervo particular de Zilda Martins Teixeira.
Fotógrafo Miranda Retrartista. Ano 1982

Foto 04: Cachoeira Salto do Céu. Ano 2019.



Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT
Fotógrafo desconhecido. Ano 2019.

FICHA DE ANÁLISE DE FONTE FOTOGRÁFICA

1) Título das fotografias:	2) Autor das fotografias:
3) Ano de produção:	4) Acervo a que pertence:
5) Local de produção:	6) Descrição das fotografias: Preto e Branco () Colorida ()
7) Por que as fotografias foram produzidas?	8) Para quem as fotografias foram produzidas?
9) Você conhece o lugar representado nas fotografias?	
10) Quais elementos podem ser observados nas fotografias 01 e 02? (Objetos, pessoas, paisagem, ações, entre outros).	
11) Observe as fotografias 03 e 04 e responda: as duas imagens de representação da Cachoeira Salto do Céu, são iguais? Sim () Não (). Justifique a sua resposta.	
12) O que mudou no aspecto da cachoeira ao longo do tempo? Em sua opinião, as mudanças ocorridas se devem à fatores naturais ou as ações humanas? Cite exemplos.	

Foto 05: Espaço de Lazer na Colônia Rio Branco - MT.



Fonte: acervo particular de Zilda Martins Teixeira.
Fotógrafo Miranda Retrartista. Década de 1970.

Foto 06: Espaço de Lazer em Salto do Céu-MT



Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.

Foto 07: Turismo em Salto do Céu - MT. Ano 2001.



Fonte: acervo particular de Francisca Neta Nunes
Fotógrafo: Francisca Neta Nunes. Ano 2001.

Foto 08: Turismo em Salto do Céu - MT. Ano 2015.



Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT
Fotógrafo desconhecido. Ano 2015.

FICHA DE ANÁLISE DE FONTE FOTOGRÁFICA.

1) Título das fotografias:	2) Autor das fotografias:
3) Ano de produção:	4) O acervo é particular ou é de origem institucional (público):
5) Local de produção:	6) Descrição das fotografias: Preto e Branco () Colorida ()
7) Por que as fotografias foram produzidas?	8) Para quem as fotografias foram produzidas?
9) Quais elementos podem ser observados nas fotografias? (objetos, pessoas, paisagem, entre outros detalhes).	
10) Quais ações, atitudes e gestos podem ser observados nas fotografias?	
11) As fotografias 05 e 06 foram produzidas para registrar qual atividade humana?	
12) Observe as fotografias 07 e 08 e responda: quais são as semelhanças e diferenças existentes entre as duas imagens?	
13) A Cachoeira Salto do Céu já sofreu muitas mudanças com o passar dos anos. Como exemplo observa-se as construções no entorno das quedas d'água. O que foi construído? Quem construiu? Por que construiu?	
14) Você e sua família costuma frequentar o espaço da cachoeira? Para quê? E os turistas, utilizam da mesma forma?	
15) Você tem alguma lembrança boa ou ruim sobre algum acontecimento ocorrido na cachoeira? Qual?	

Sugestões de Leituras

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos** – 3ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

1.3.4 Análise de Fontes Fac-similares

Com base na análise comparada das fontes de representação da travessia do rio, verificar os aspectos semelhantes e diferentes, assim como, levantar os problemas de mobilidade urbana ou rural. Para a análise das imagens de representação das práticas domésticas, levantar questões sobre as formas de uso do Rio Branco e as formas de abastecimento de água nas residências, nos diferentes tempos retratados, situando o contexto histórico em que cada foto foi produzida. Esta atividade contribui para o reconhecimento das permanências e mudanças ocorridas no local onde a imagem foi produzida.

Relato 01: Rememorações sobre chegada à Colônia Rio Branco-MT. Ano 1966.



Eulália Borges da Silva tem 95 (noventa e cinco) anos, natural de Iuna – ES, profissão: lavradora e comerciante, aposentada, viúva e mãe de 05 (cinco) filhos consanguíneos e 04 (quatro) filhos adotivos. Mudou-se para a Colônia Rio Branco – MT na década de 1960. Reside em Salto do Céu (MT) desde 1966.

Sobre a chegada à Colônia Rio Branco-MT, dona Eulália diz:

“Quando chegamos ao panorama, tudo que a gente conseguia avistar era a mata. O Abel (esposo) armou uma lona grande que trouxemos e fez um barraco no meio da mata. Ele entrou mata adentro, numa picada que tinha pronta, e sumiu. Nós ficamos lá sem saber o que fazer, até ele conseguir um carro que conseguisse nos trazer até aqui. Ah minha filha do Céu! Saindo do Panorama é que foi difícil! Era mês de janeiro e estava chovendo muito. Entramos na mata e quando chegamos onde foi o sítio do compadre Leônidas já era uma meia noite ou mais, e, estava chovendo.

Chuva igual não se vê mais por aqui. [...] O carro atolou e nós ficamos debaixo da lona sem poder sair. Passamos o resto da noite debaixo da lona, não tinha jeito de ir embora. Chovia demais. Chuva que Deus dá! [...] Chegando aqui o rio estava cheio e eu vi passando aquela enchente enorme. Descia cada torra de árvore no rio que dava até medo. O Abel (esposo) foi quem nos atravessou. Foi assim, carregando um por um nos braços. O compadre Badico, coitado, atravessou com muita dificuldade, pois chegou aqui doente. Nós atravessamos o rio e as nossas coisas ficaram lá no carro, não tinha jeito de atravessar, tinha que esperar a enchente acabar” (Eulália Borges da Silva, 2019).

Fonte: Entrevista Oral concedida à autora da dissertação.
Salto do Céu-MT. Ano 2019.

FICHA DE ANÁLISE DE FONTE ORAL

Nome da entrevistada:	Local de nascimento:
Idade da entrevistada:	Ano de realização da entrevista:
Local de realização da entrevista:	
A partir do trecho apresentado, descreva os seguintes aspectos abordados: 1) O relato acima se refere a qual acontecimento histórico? 2) Quais elementos naturais dificultaram a chegada de dona Eulália e sua família na Colônia Rio Branco-MT? 3) Como as pessoas atravessavam o rio em dias de chuva e fortes enchentes? 4) Dona Eulália disse que foi preciso esperar a enchente acabar para poder atravessar as coisas trazidas na mudança. Como você imagina que foi feita esta travessia?	

Questões a serem levantadas: para a análise externa das fontes, utilizar a ficha de análise fotográfica disposta na atividade anterior. Para a análise interna, questionar:

Foto 01: Pinguela improvisada sobre o Rio Branco-MT.



Fonte: acervo da NUDHEO/UNEMAT-Cáceres-MT
Fotógrafo desconhecido, década de 1960

Foto 02: Ponte de madeira sobre o Rio Branco-MT.



Fonte: Acervo particular de Francisca Neta Nunes
Fotógrafa: Francisca Neta Nunes, Ano 2020.

- 1) No trajeto entre sua casa e a escola, você passa pelo rio ou por suas proximidade?
- 2) Você lembra de alguma coisa ou acontecimento ocorrido na travessia do rio e que tenha marcado sua memória?
- 3) Observe as imagens e responda: O que era uma pinguela? Para que servia?
- 4) Quais teriam sido os motivos do seu fim? Teria sido possível a sua continuidade? Como você descreveria a travessia do rio hoje sobre uma pinguela? Predominaria o transporte individual ou coletivo?
- 5) O que são pontes? Para que serve?
- 6) Quando surgiu a construção de pontes de madeira sobre o rio?
- 7) A ponte de madeira mudou a paisagem do Rio Branco e a forma de travessia. Qual a importância dela para o município de Salto do Céu-MT?
- 8) A questão do transporte teve grande influência nas alterações dos espaços no entorno da cachoeira. Analisando o local como é hoje, o que você identificaria como mudanças e permanências ligadas aos meios de transportes?
- 9) A manutenção das estradas e pontes é papel do Estado ou do Município?
- 10) Quais problemas de mobilidade existiam na Colônia Rio Branco-MT e quais existem hoje no município de Salto do Céu-MT?

Foto 01: Mulher Lavando Roupa no Rio. Colônia Rio Branco-MT



Fonte: acervo NUDHEO/UNEMAT-Cáceres-MT.
Fotógrafo desconhecido, década de 1960.

Foto 02: Criança Lavando Louça. Salto do Céu-MT.



Fonte: acervo particular de Zilda Martins Teixeira
Fotógrafo: Miranda Retrartista. Ano 1982.

Foto 03: Mulher fazendo uso de água encanada para lavar roupa.



Fonte: Arquivo Internet. Autor Desconhecido, s/d.
Disponível em: <http://www.madierconstrutora.com.br>
Acesso em: 10/03/2020

- 1) A água do rio é importante para você e sua família? Por quê?
- 2) Como era feito o abastecimento de água nas residências da Colônia Rio Branco-MT?
- 3) Como e quando surgiu a água encanada no município?
- 4) A água utilizada em sua residência é captada diretamente no rio? Se não, de onde ela vem? Quem faz a distribuição da água? Como ela é feita?
- 5) A água consumida em sua residência é tratada?
- 6) O consumo da água diretamente no rio, é gratuito ou pago? E o consumo da água distribuída, tem custo? Para quem é feito o pagamento?
- 7) Cite quais são os benefícios de viver próximo ao rio?

1.4 Pesquisa de Campo

Após a realização das atividades anteriores em sala de aula e compreensão da importância das fontes e os métodos de análise, o professor orientará os alunos a fazerem um levantamento nos arquivos particulares dos familiares para investigar vestígios sobre os usos do espaço da Cachoeira Salto do Céu (lazer, trabalho, entre outros), em diferentes tempos históricos. Nesse primeiro momento, os alunos deverão buscar por fontes fotográficas que marcaram a memória dos familiares e demais moradores locais, e realizar entrevistas partindo de um roteiro. Com a realização desta atividade intenciona-se coletar fontes históricas que pertencem à história do município a fim de organizar exposição das mesmas à comunidade escolar. Para isso, o professor deverá encaminhar a seus responsáveis um documento que ateste o tipo de atividades que estão sendo desenvolvidas em sala de aula, solicitando autorização para acesso às fontes e informando sobre a importância de se fazer o registro das informações internas e externas das fontes fotográficas.

SUGESTÃO DO ROTEIRO:

Para análise da fonte fotográfica:	Para registro das fontes orais
1) Ano que a foto foi produzida? 2) Local que foi produzida? 3) Quem foi o fotógrafo? 4) O que retrata a fotografia? 5) Quem são os retratados? 6) Quem guardou a fotografia? 7) Por que guardou a fotografia? 8) Quais lembranças estão presentes nas fotografias?	1) Qual é o seu nome? 2) Quando e onde você nasceu? 3) Há quantos anos você mora no município? 4) Você frequenta o espaço da cachoeira? Se sim, responda para que tipo de atividades? 5) Como era a cachoeira no seu tempo de criança ou juventude? 6) Houve mudanças ao longo do tempo? O que mudou? 7) As mudanças foram boas ou ruins? 8) Do que mais você gosta na cachoeira? Por quê? 9) Você acha necessário fazer mudanças no espaço da Cachoeira? Por quê? 10) Se você pudesse interferir no passado, mudaria alguma?

As entrevistas feitas com os moradores locais facilitam a compreensão sobre as permanências e mudanças ocorridas no local. O professor poderá elaborar perguntas sobre quem frequentavam os espaços da Cachoeira na época da infância e juventude e quem frequenta hoje em dia. Assim como, se tem fundamento que havia uma divisão de classes sociais para utilização dos espaços destinados a prática de lazer da cachoeira: primeira e segunda queda d'água e o espaço conhecido como sendo a Laginha.

Uma vez realizada todas as atividades de preparação prévia, a próxima ação educativa consiste em ir até o local do estudo. Para desenvolver as atividades de campo sugerimos que o professor organize a turma em 04 (quatro) grupos, visando a coleta das informações necessárias para a sistematização do conhecimento. O Estudo do Meio consiste nas seguintes etapas metodológicas: observação, exploração, registro e apropriação.

A seguir apresenta-se algumas sugestões de tema, atividades e objetivos:

1º GRUPO	
Tema	Os lugares de práticas de lazer da cachoeira.
Atividade	Observar e registrar através de anotações e produção fotográfica, os espaços da cachoeira destinados às práticas de lazer.
Objetivo	- Refletir sobre as possibilidades de interação social proporcionada pelas práticas de lazer; - Verificar os fatores que tem levado, aos poucos, ao distanciamento dos moradores locais dos espaços de lazer da cachoeira.

2º GRUPO	
Tema	Construções públicas realizadas na cachoeira.
Atividade	Observar e registrar através de anotações e produção fotográfica, as mudanças praticadas no espaço da cachoeira em virtude das construções públicas: asfalto; praça; quadra poliesportiva; centro de eventos; academia pública; muro de contenção e bueiros.
Objetivo	- Analisar as mudanças que ocorrem nos espaços da cachoeira para atenderem as novas necessidades de desenvolvimento do turismo e sociabilidade dos moradores locais. - Refletir sobre sua real necessidade.

3º GRUPO	
Tema	Tipos de mobiliário localizados no entorno da cachoeira.
Atividades	Observar e registrar através de anotações e produção fotográfica, as áreas de construções de mobiliário residencial e comercial. Verificar se as áreas construídas se encontram na área de risco, assim como, se a política habitacional do município tem afetado a preservação do meio ambiente, no entorno da cachoeira.
Objetivos	- Refletir sobre os principais problemas ocorridos na atualidade: incidência de enchentes que invadem as áreas construídas; risco de acidentes em períodos de chuva; utilização das galerias fluviais; práticas de descarte de lixo, entulho e animais mortos no leito do rio, etc. - Refletir sobre a importância da fiscalização por parte das autoridades públicas e da população local.

4º GRUPO	
Tema	As políticas públicas para preservação dos espaços da cachoeira.
Atividade	Observar e registrar através de anotações e produção fotográfica, os aspectos de manutenção dos espaços de lazer na cachoeira e seu entorno.
Objetivo	- Perceber a importância da participação popular e dos órgãos públicos para preservação do meio ambiente e manutenção das áreas construídas, para usufruto da coletividade. - Refletir sobre a necessidade de preservação da memória local.

Sugestões de Leituras

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos** – 3ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

CALLAI, H. C. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, nº 16, p. 133-152, 2001.

COSTA, Aryana. **História Local**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coordenação). Dicionários de ensino de história. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Memória**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coordenação). Dicionários de ensino de história. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

1.5 Retorno do trabalho na sala de aula

A última etapa do Estudo do Meio é o que podemos chamar de apropriação, que é a construção do conhecimento através da análise das fontes fotográficas e orais, do material da pesquisa de campo e das descobertas e significados que podem ser revelados ao longo de todas as etapas de estudo.

Para finalizar, fica a sugestão, para que os professores, já de posse das fontes fotográficas pesquisadas nos arquivos familiares e as produzidas na aula de campo¹, concedam aos alunos um espaço de tempo para que observem, de forma descontraída, as próprias imagens e as dos colegas com intuito de leva-los a perceber as representações do cotidiano e vivências comuns; os aspectos da memória individual e das memórias compartilhadas.

Socializar as informações obtidas através das leituras dos relatos orais (entrevistas) possibilita conceituar e contextualizar melhor os aspectos da memória individual e coletiva. Além das percepções de memórias compartilhadas pelos grupos familiares, os alunos podem perceber relações sociais em comum (nos grupos familiares e no grupo escolar a que pertencem), como se relacionam, como se diferenciam e quais suas semelhanças.

Nesse momento, propor que os alunos expressem livremente quais foram as sensações experimentadas e os fatos mais significativos durante o estudo. Nesse compartilhamento das experiências individuais de cada participante pode surgir novos sentidos e novas significações.

Em seguida fazer a análise do material fotográfico produzido na pesquisa de campo. Decidir em conjunto com os alunos os tipos de fontes e de informações obtidas que serão utilizadas para atividade final.

Para sistematização dos resultados, professores e alunos podem organizar uma exposição das fontes históricas, sejam através de ensaios fotográficos, de confecção de cartazes ou produção de mural, tendo como subsídios: as fotografias, os dados sobre as fontes analisadas, os relatos orais obtidos através das entrevistas e as discussões realizadas em sala de aula, que devem ser adequadamente socializadas e compartilhadas.

Será um dia especial na escola, por isso, antecipadamente, alunos e professores confeccionarão convites a serem encaminhados à comunidade escolar para que participem da exposição. Podendo ser feita, também, a divulgação dos resultados obtidos através de sites, blogs, e-books, entre outros espaços sociais de divulgação das atividades escolares, de forma que todos possam prestigiar e melhor conhecer a história dos moradores do município de Salto do Céu-MT.

Sugestões de Leituras

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos** – 3ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

CALLAI, H, C. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, nº 16, p. 133-152, 2001.

1.6 Galeria de fontes orais e fontes fotográficas

1.6.1 Galeria de Fontes Orais

¹Para garantir a preservação da fonte fotográfica, solicitar aos familiares dos alunos que envie para a escola cópia impressa em papel comum.



Andriária da Conceição Silva tem 89 (oitenta e nove) anos, natural de Miracema - RJ, profissão: lavradora, aposentada, casada e mãe de 11 (onze) filhos. Mudou-se para Galileia - MG na década de 1950 e para a Colônia Rio Branco - MT na década de 1960, junto com o seu esposo e cinco filhos. Reside em Salto do Céu - MT, desde 1965.

Sobre a mudança para a Colônia Rio Branco-MT dona Andriária diz:

[...] Lá do Espírito Santo nós trouxemos café, trouxemos doce, gordura, de tudo nós trouxemos na mudança. Aqui não tinha nada não, só mata. Quem trazia as coisas tinha o que comer, mas quem não trazia passava dificuldade. Aqui não tinha uma galinha, não tinha porco, não achava gordura pra fazer comida, não tinha nada. Eu passei a maior dificuldade com esse negócio de não ter gordura pra cozinhar [...] Nós trouxemos tudo de fora. Trouxemos muda de inhame, taioba, mangarito, muda de banana, de cana, rama de mandioca, sementes de todo tipo de planta nós trouxemos um pouco. Ih! Na mudança, o povo trazia todo tipo de coisa pra plantar aqui. Disseram pra nós lá no Espírito Santo que aqui não tinha nada. Assim, nós trouxemos pra

plantar e, com o tempo começou a produzir. Certo tempo depois, a turma que ia chegando buscava lá em casa as coisas pra comer e as mudas pra plantar, também. (Andriária da Conceição Silva, 2019).



Antônia Maria Teles da Silva tem 93 (noventa e três) anos, natural de Aguas Belas - PE, profissão: lavradora e lavadeira, aposentada, viúva e mãe de 01 (uma) filha adotiva. Mudou-se para a Colônia Rio Branco - MT na década de 1970. Reside em Salto do Céu - MT, desde 1973.

Sobre as construções das residências na Colônia Rio Branco-MT, dona Antônia diz:

[...] Era uma casinha de pau a pique, coberta de madeira, de tabuinha. Ih! Aquilo ali era mesmo que nós estar morando em um prédio. Ainda morei um tempo em casinha coberta de sapé e rodeada de pau em pé, e era bom, pois não chovia dentro. No sapé não passava nada. Chuva de pedra, de granito que o povo chama, era constante, mas não molhava dentro da casa não. Eu já morei em muitos tipos de casa, mas essas feitas de pau a pique eu jamais me esqueço (Antônia Maria Teles da Silva, 2019).



Eulália Borges da Silva tem 95 (noventa e cinco) anos, natural de Iuna-ES. Profissão: lavradora e comerciante, aposentada, viúva e mãe de 05 (cinco) filhos consanguíneos e 04 (quatro) filhos adotivos. Mudou-se para a Colônia Rio Branco-MT na década de 1960. Reside em Salto do Céu-MT desde 1966.

Sobre a prática comercial na Colônia Rio Branco, dona Eulália diz:

[...] quando nós chegamos aqui, fizemos engenho, plantamos cana, com certo tempo já tinha muita cana pra fazer melado e rapadura. Eu fazia três tachos de rapadura por dia. [...] Quando terminava a primeira tachada, moía mais cana e colocava outra tachada no fogo. Fazia 16 rapaduras em cada tachada e vendia tudo. Eu fazia umas rapaduras clarinha! Era o único jeito de ganhar dinheiro pra comprar as coisas que não colhia na roça. [...] Lá da roça eu trazia frango, ovos, bolo, biscoito de polvilho, café torrado, banha e carne de porco, rapadura, melado e, mandava para o Eli (filho) vender no bulicho. [...] O Abel fez um bulicho de tábua, de dois cômodos onde hoje é a Rua Espírito Santo. Era lá minha barraca. Vendia de tudo. A farinha e o polvilho que eu fazia, ralava no ralo e torcia na mão. Era um

trabalhão danado, mas vendia tudo a cinquenta centavos o litro. Todo sábado! Todo final de semana eu estava lá vendendo minhas coisas pra ganhar uns trocadinhos, porque na roça só ganhava dinheiro no final de cada ano, no final de cada colheita, então esse dinheiro é que nos socorria, era assim que nós alimentávamos sete bocas. A colheita de arroz era muita, mas a gente não vive só de arroz né? Eu tinha que dar meus pulos (Eulália Borges da Silva, 2019).



Andriária da Conceição Silva tem 89 (oitenta e nove) anos, natural de Miracema - RJ, profissão: lavradora, aposentada, casada e mãe de 11 (onze) filhos. Mudou-se para Galileia - MG na década de 1950 e para a Colônia Rio Branco - MT na década de 1960, junto com o seu esposo e cinco filhos. Reside em Salto do Céu - MT, desde 1965.

Sobre as dificuldades enfrentadas para sobreviver na Colônia Rio Branco-MT dona Andriária diz:

[...] por muito tempo minha família ficou tomando café margoso, eu bebia também, mas não achava bom. Foi aí que inventei de pegar cana ainda pequena, descascar e socar no pilão pra poder adoçar o café com a bucha do bagaço. Esse era o único jeito que tinha pra fazer o café, mas não tinha gosto de café. Era desse jeito! [...] Tudo que ia fazer era com a maior dificuldade. Pra lavar roupa, eu pegava as cinzas do fogão, colocava na panela e fervia com água, depois ia escorrendo devagarzinho na bacia para lavar as roupas, batia até a água espumar. Não ficava uma roupa clarinha não, mas tirava a sujeira. Quando a gente achava umas árvores grandes, chamada pau d'alho, colocávamos fogo nela e

trazia a cinza para lavar a roupa. Só depois de muito tempo é que começou aparecer a tal da mamona de fazer sabão, mas tem que colocar a soda pra dar ponto. Naquele tempo nem soda não tinha aqui. Eu lavava roupa com a cinza do pau d'alho, depois, quando as coisas foram melhorando é que nós começamos a comprar a soda em Cáceres. Colocava a mamona no pilão junto com a soda e ia socando até dar o ponto, até dar o sabão. Era assim que nós fazíamos. Mas, com o tempo, até as roupas que nós trouxemos foram acabando também. Nossa! Era uma dificuldade tão grande (Andriária da Conceição Silva, 2019).



Eulália Borges da Silva tem 95 (noventa e cinco) anos, natural de Iuna-ES. Profissão: lavradora e comerciante, aposentada, viúva e mãe de 05 (cinco) filhos consanguíneos e 04 (quatro) filhos adotivos. Mudou-se para a Colônia Rio Branco-MT na década de 1960. Reside em Salto do Céu-MT desde 1966.

Sobre um incêndio que destruiu as plantações dos moradores da Colônia Rio Branco - MT, dona Eulália diz:

[...] Nós saímos num dia de domingo pra vim na missa. A missa aqui era só de tempos em tempos quando vinha um padre de Cáceres pra poder celebrar a missa. Então foi num dia desses, que o incêndio queimou tudo que nós tínhamos. [...] O fogo foi espalhando na roça, no canavial, no mandiocal, na roça de arroz, entrou mata adentro e descambou mundo afora, queimando tudo. Foi a coisa mais horrível do Mundo! Um trem feio viu? [...] Quando conseguimos chegar lá e vimos o fogo destruindo tudo, o Abel falou: e agora Eulália? O que é que nós vamos fazer da nossa vida? (Eulália Borges da Silva, 2019).



Antônia Maria Teles da Silva tem 93 (noventa e três) anos, natural de Aguas Belas - PE, profissão: lavradora e lavadeira, aposentada, viúva e mãe de 01 (uma) filha adotiva. Mudou-se para a Colônia Rio Branco - MT na década de 1970. Reside em Salto do Céu - MT, desde 1973.

Sobre as dificuldades enfrentadas na Colônia Rio Branco-MT e a ausência de transporte para atender a população local, dona Antônia diz:

[...] Quando era pra uma mulher ganhar neném, muitas vezes tinha que ir pra Cáceres. Muitas delas tiveram seus filhos no meio das estradas. Certa vez uma mulher que se chamava Altiva não conseguiu ter o filho em casa com a parteira, então fizeram um negócio com uns paus, colocaram uma rede e deitaram a mulher naquilo. Os homens vinham trazendo aquela armação pendurada, apoiando nos ombros, e ela deitada naquela rede. Quando a pessoa era pesada, precisavam de uns quatro homens ou mais para poder conseguir carregar. Vinham dois homens na frente e dois atrás, quando aqueles cansavam os outros pegavam. Era assim que faziam o transporte dos doentes e das mulheres que precisava ir pra Cáceres para ter neném. Condução nenhuma, tinha aqui. A condução que tinha para carregar os doentes era os ombros dos homens. Eu lembro que se juntou aquele monte de homens pra trazer aquela mulher até a beira do rio pra depois pegar um carro que fosse pra Cáceres, para hospital de lá. Quando chegaram lá na descida do seu Ângelo, passando lá por perto de casa, ela arruinou pra ter o menino, e começou a colocar o bacuri a baixo, foi terrível. A mulher teve o filho no meio dos homens, na vista deles, e depois dali voltaram com ela e o neném pra casa (Antônia Maria Teles da Silva, 2019).



Andiária da Conceição Silva tem 89 (oitenta e nove) anos, natural de Miracema - RJ, profissão: lavradora, aposentada, casada e mãe de 11 (onze) filhos. Mudou-se para Galileia - MG na década de 1950 e para a Colônia Rio Branco - MT na década de 1960, junto com o seu esposo e cinco filhos. Reside em Salto do Céu - MT, desde 1965.

Era direto assim. Outra mulher deu eclampse, e morreu no caminho. Ela tinha casado de pouco e ia ter o primeiro filho, coitada, morreu sem ser socorrida (Andiária da Conceição Silva, 2019).

Sobre a dificuldade enfrentada na Colônia Rio Branco-MT devido à falta de mobilidade e transportes, dona Andiária diz:

Aqui, quando as mulheres engravidavam, quando chegava a hora do parto e precisavam ir para o hospital, tinham que ser levadas na rede até a vazante do Rio Branco, pra de lá pegar outra condição até chegar a Cáceres. Só em Cáceres é que tinha médico, que tinha hospital. Teve um caso que aconteceu com a dona Abigail. Quando arrumaram jeito de levar ela pra Cáceres, não deu tempo e ela ganhou a criança já morta. E depois foi com a dona Irene. Ela adoeceu também e ficou aqui sem poder sair. Colocaram numa rede e atravessaram uma pinguela, feita com uns paus grandes de jatobá atravessado no rio, pra poder pegar o caminho do seu Sudoca lá em cima, pra só depois chegar ao Panorama. Só no Panorama que tinha carro indo para Cáceres e voltando pra cá.

1.6.2 Galeria de Fontes Fotográficas

Colônia Rio Branco-MT e Município de Salto do Céu-MT:

Esta Galeria é composta por uma imagem aérea do povoado de Salto do Céu-MT, no período da década de 1970, e por uma imagem aérea da sede do município na atualidade, que podem ser utilizados para abordar a história local. A origem do povoado de Salto do Céu-MT teve início às margens do Rio Branco, nas proximidades da cachoeira de Salto do Céu, sendo constituído por migrantes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, que vieram para esta região em busca de meios de subsistência no final do século XX. Posteriormente, o povoado foi transformado em distrito de Cáceres-MT em 04 de abril de 1978, pela lei estadual nº 3971/1978, e elevado à categoria de município pela lei estadual nº 4152, de 13 de dezembro de 1979.



Imagem aérea do povoado de Salto do Céu-MT.
Fonte: acervo da prefeitura do município de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido. Década de 1970.

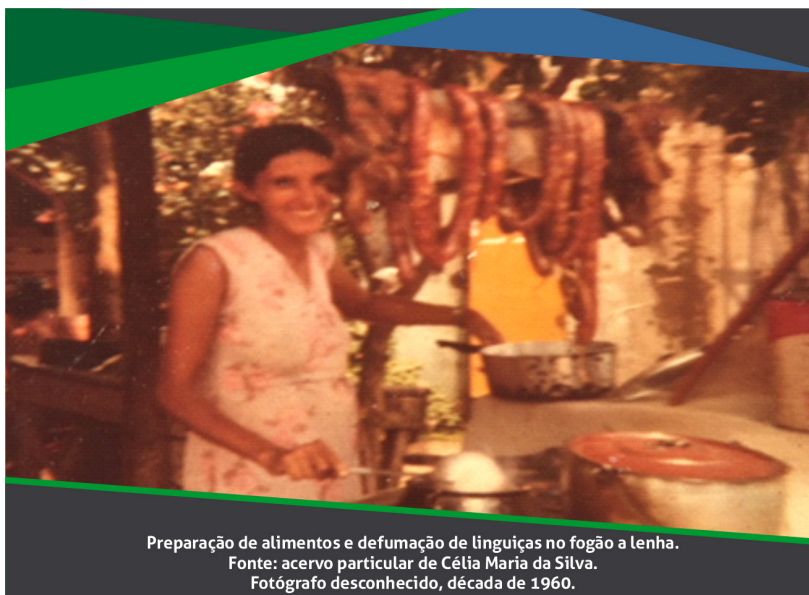


Imagem aérea de Salto do Céu-MT.
Fonte: acervo da prefeitura municipal de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido. Ano de 2016.

Galeria de imagens que representam os espaços cotidianos na Colônia Rio Brancos

Esta galeria representa alguns lugares de memória e acontecimentos do cotidiano das mulheres na Colônia Rio Branco-MT.





Galeria de imagens das residências da Colônia Rio Branco-MT



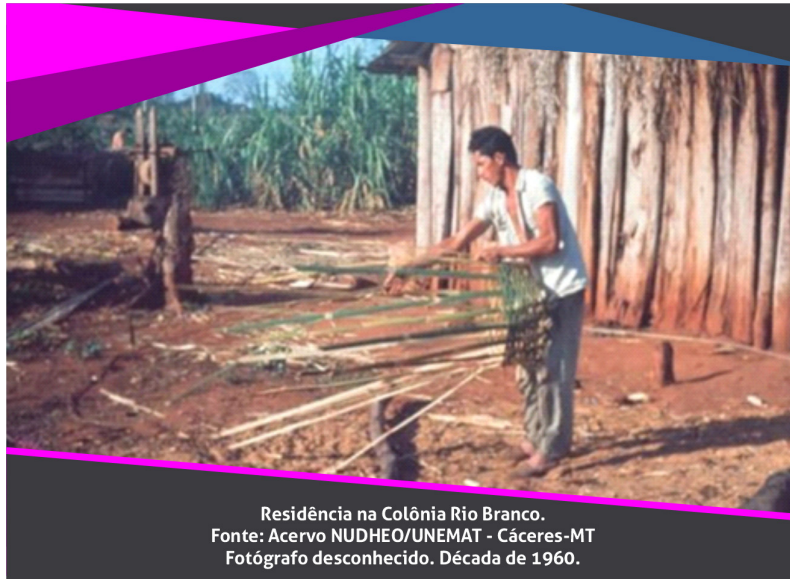
Residência na Colônia Rio Branco.
Fonte: Acervo NUDHEO/UNEMAT - Cáceres-MT
Fotógrafo desconhecido. Década de 1960.



Residência na Colônia Rio Branco.
Fonte: Acervo NUDHEO/UNEMAT - Cáceres-MT
Fotógrafo desconhecido. Década de 1960.



Residência na Colônia Rio Branco.
Fonte: Acervo NUDHEO/UNEMAT - Cáceres-MT
Fotógrafo desconhecido. Década de 1960.



Residência na Colônia Rio Branco.
Fonte: Acervo NUDHEO/UNEMAT - Cáceres-MT
Fotógrafo desconhecido. Década de 1960.

Galeria de imagens das Escolas da Colônia Rio Branco-MT

Esta galeria traz algumas imagens que remetem à Educação de Salto do Céu-MT. O povoado teve as primeiras escolas rurais implantadas na década de 1960. Atualmente, o município possui três unidades escolares, sendo duas da Rede Estadual e uma da Rede Municipal. A Escola Municipal Simão bororó, localizada na sede do município, oferta a Modalidade de Ensino Regular para a educação infantil (creche) e Ensino Fundamental. A Escola Estadual Deputado Francisco Vilanova, localizada na sede do município, oferta a modalidade Ensino Regular para a etapa fundamental; Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. A Escola Estadual Vila Progresso, localizada na comunidade de Vila Progresso, oferta a modalidade Educação do Campo para a etapa fundamental e Educação de Jovens e Adultos.



Escola Rural da Colônia Rio Branco - MT.
Fonte: Acervo particular do Senhor Sylvio Pinheiro da Silva.
Fotógrafo desconhecido, Ano 1969



Escola Rural da Colônia Rio Branco - MT.
Fonte: acervo da prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido, década de 1960



Escola da Colônia Rio Branco.
Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Salto do Céu-MT.
Fotógrafo desconhecido, década de 1960



Escola da Colônia Rio Branco.
Fonte: acervo pessoal de Uzas Bonfim.
Fotógrafo Uzas Bonfim. Década de 1970

Galeria de imagens dos meios de transportes existentes na Colônia Rio Branco-MT (1960/1970)

Esta galeria traz algumas imagens que remetem aos meios de transportes utilizados por migrantes brasileiros nas últimas décadas do século XX, bem como, os meios disponíveis para a mobilidade de pessoas e cargas da Colônia Rio Branco-MT, nas décadas de 1960 e 1970.



Caminhão Pau de Arara: migrantes no ano de 1968.
Fonte: IBEGE / Cidades: Salto do Céu - MT / histórico, 2019.
Fotógrafo desconhecido.



Transporte de moradores da Colônia Rio Branco.
Fonte: Acervo do NUDHEO/UNEMAT - Cáceres-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.



Transporte de moradores da Colônia Rio Branco.
Fonte: Acervo do NUDHEO/UNEMAT - Cáceres-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.



Travessia de barco no Rio Branco.
Fonte: Acervo do NUDHEO/UNEMAT-Cáceres-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.



Transporte de produtos agrícolas utilizando animais de cargas.
Fonte: Acervo do NUDHEO/UNEMAT-Cáceres-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.



Transporte de produção agrícola da Colônia Rio Branco
Fonte: Acervo do NUDHEO/UNEMAT-Cáceres-MT.
Fotógrafo desconhecido. S/d.